

Aevilson da Silva Tavares<sup>1</sup>  
Jorge Eduardo Lins de Oliveira<sup>2</sup>  
Francisca de Souza Miller<sup>3</sup>

## **PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES DE LAGOSTA DA COMUNIDADE DE CAJUEIRO, TOUROS, RN**

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente- Prodema, UFRN. E-mail: [aveilson.tavares.045@ufrn.edu.br](mailto:aveilson.tavares.045@ufrn.edu.br)

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Oceanografia e Limnologia , UFRN

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Antropologia, UFRN

## RESUMO

O pescador artesanal na sua prática da captura de lagosta na comunidade de Cajueiro, Touros, RN, tem se mostrado determinante na cadeia produtiva da pesca artesanal, na dinamização da economia de subsistência e formação identitária de sua gente, de sua história, de seu território. Desta forma este estudo, busca descrever o perfil do pescador artesanal de lagosta bem como caracterizar a pesca artesanal da lagosta praticada pela comunidade, através de uma observação participante, descrição qualitativa e quantitativa, com o direcionamento metodológico de um questionário com questões abertas e fechadas. A pesca artesanal da lagosta vem passando por mudanças estruturais em sua metodologia de captura perpassando do copo, mergulho com compressor até a Marambaia. A partir dos resultados obtidos podemos concluir que o pescador artesanal de lagosta tem aumentado sua escolaridade, encara a pesca da lagosta como uma atividade lucrativa e por fim tem se mostrado convictos dos males que está causando a cadeia produtiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pescadores de lagosta. Pesca de lagosta. Perfil socioeconômico.

---

## ABSTRACT

The artisanal fisherman in his practice of catching lobster in the community of Cajueiro, Touros, RN, has proven to be determinant in the production chain of artisanal fishing, in boosting the subsistence economy and forming the identity of its people, its history, its territory. Thus, this study seeks to describe the profile of artisanal lobster fisherman as well as characterize the artisanal lobster fishing practiced by the community, through participant observation, qualitative and quantitative description, with the methodological guidance of a questionnaire with open and closed questions. Artisanal lobster fishing has undergone structural changes in its capture methodology, ranging from the cup, diving with a compressor to the Marambaia. From the results obtained, we can conclude that the artisanal lobster fisherman has increased his schooling, sees lobster fishing as a lucrative activity and, finally, has been convinced of the harm that is causing the production chain.

**KEYWORDS:** Lobster fishermen. Lobster fishing. Socioeconomic profile.

## INTRODUÇÃO

A formação dos seres humanos no curso da vida é uma tarefa sem fim (INGOLD,2019, p.26). Emanados dessa pré-dica refletiremos sobre a discussão em torno da modalidade de Pesca Artesanal de Lagosta em uma comunidade litorânea brasileira onde nos dá a oportunidade para reflexão sobre a Antropologia Técnica, pois nessa relação do homem/natureza, demandando assim, o desenvolvimento de técnicas para que a cultura seja construída dentro de cada contexto social (MURA,2011). E a Antropologia com a responsabilidade que tem de estudar/pensar as pessoas dentro do seu contexto, nos remete acertadamente a Tim Ingold (2019, p. 9) quando norteia que: A “Antropologia é a filosofia com as pessoas dentro”.

E sobre os caminhos técnicos que desenham a Pesca Artesanal da Lagosta no Brasil podemos ventilar que o reza a Instrução Normativa Nº03, de 12 de maio de 2004, da SEAP (BRASIL, 2004), quando trata o pescador artesanal como aquele que, utilizando meios de produção próprios, exerce a pesca de forma autônoma, sendo de maneira individual ou em família, ou, ainda, com auxílio esporádico de outros parceiros, sem a existência do vínculo empregatício.,

O pescador artesanal tem sua identidade caracterizada dentro de um sistema econômico imprevisível, pois não existe uma tabulação acertada sobre o que se consegue capturar por cada pesca (MILLER et al. 2020). No caso do pescador potiguar sua prática está direcionada exclusivamente para a pesca artesanal (SILVA e MILLER 2019; VASCONCELOS et al. 2003), desenvolvendo e acumulando assim uma intimidade com o meio ambiente marinho (MILLER, 2019).

A relação do pescador com a pesca e com o mar, é uma relação tão intrínseca que já expressa como uma relação de territorialidade (ANDRADE, SILVA, e MILLER 2020), desencadeando muitas vezes uma delimitação de espaço através de GPS, como se fosse “donos do mar”, mesmo temporariamente (LABERGE, 2000), a fim de garantir que seus petrechos de pesca, a Marambaia ou covo e o que nele for capturado venha a ser de sua total exclusividade (COSTA, 2019). E esse conhecimento converge para o fixar, o tranquilizar, mas também armar e controlar esses conjuntos de técnicas utilizadas no fazer de cada ação, nesse processo de relação homem/natureza (INGOLD, 2019). Esse domínio de técnicas próprias da pesca da lagosta expressa também a perspectiva de formação da identidade cultural do pescador e seu desenho de masculinidade é fortalecido (SAUTCHUK, 2007).

Assim, a discussão do perfil de uma comunidade pesqueira converge simultaneamente sobre questões de defesa de sua territorialidade, um dos motivos do status próprio do ser de um povo. E Paul Little emerge, nessa questão, para abalizar a compreensão de territorialidade definindo-a como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” ou homeland” (LITTLE, 2004).

Por fim, é preciso que se encare a pesca da lagosta como uma atividade

extrativa com suas peculiaridades de grupos tradicionais tendo seu produto (a lagosta) como um dos elementos culturais que ajudam a marcar ou definir de sua identidade cultural (MORAN, 1974).

Nesta dimensão, este trabalho busca discorrer sobre o perfil do pescador de lagosta e apresentar um desenho amostral da pesca de lagosta na comunidade de Cajueiro (Touros), litoral norte do Estado do Rio Grande do Norte.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Caracterização área de estudo

A comunidade de Cajueiro é um distrito do município de Touros, RN. Município que está localizado a 80 km de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte.

A comunidade de Cajueiro se encontra a noroeste da cidade de Touros/RN (Fig. 1), sendo um dos 27 distritos deste município de Touros/RN, sendo o terceiro mais próximo da sede do município, 11 km. Entre os 5 distritos da faixa litorânea do município.

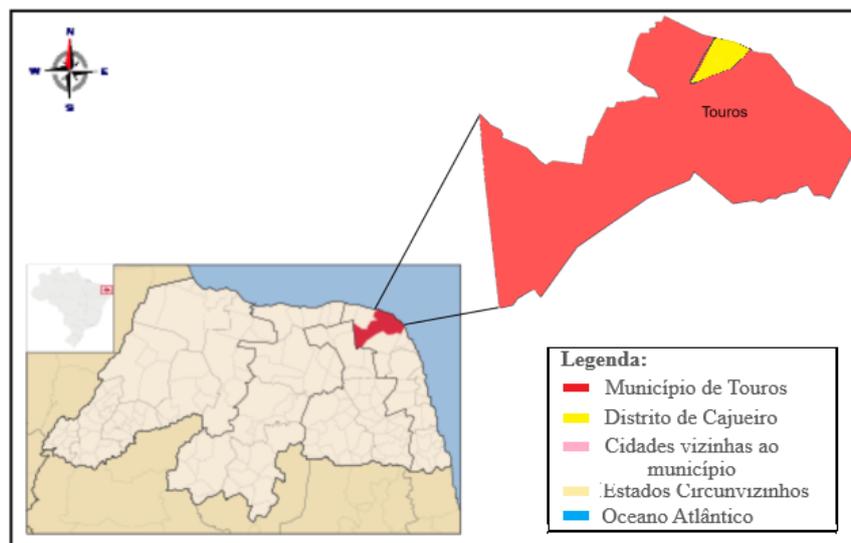


Figura 1 - Mapa de Localização da comunidade Cajueiro, Touros/RN

Fonte: Autoria própria

### Procedimentos Metodológicos

O estudo ocorreu sob a dimensão de uma observação participante (IN-GOLD, 2019) de forma qualitativa e quantitativa, e os dados foram coletados mediante entrevistas sob a orientação de um questionário, fato que ocorreu entre os meses agosto e outubro de 2021, com perspectiva de entender o percurso do fazer do pescador na relação do homem/natureza com ventilação metodológica sob o prisma da antropologia da técnica (SAUTCHUK, 2007). Considerando uma população de pescadores estimada em 800 indivíduos, e ainda segundo a Equação Estatística para proporções populacionais foram aplicados 95 questionários, com 95% de nível de confiança, com 5% de margem de erro (ZAR, 2010).

**Equação Estatística para proporções populacionais,**

$$n = \frac{z^2(p \cdot q)}{e^2 + \frac{(z^2(p \cdot q))}{N}}$$

**Onde:**

**n = tamanho da amostra**

**z = nível de confiança desejado**

p = proporção da população com a característica desejada (êxito)

q = proporção da população com a característica desejada (fracasso)

**e = margem de erro**

**N = Tamanho da população**

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Perfil do Pescador

O cenário histórico atual da pesca artesanal de lagosta na comunidade de Cajueiro, Touros, RN, tem mostrado uma concentração de pescadores naturais do próprio município de Touros, 78,4%, enquanto outros 15,9% dos pescadores são naturais da capital do estado, Natal. Os demais são dos municípios de São Miguel do Gostoso (1,1%), Bento Fernandes (1,1%), São Bento (1,1%), Ceará Mirim (1,1%) todos municípios do estado do Rio Grande do Norte, com exceção de Mamanguape (Paraíba), que também aparece na pesquisa com 1,1%.

A faixa etária dessa população de pescadores tem sua concentração superior acima dos 50% (55,8%) de pessoas com idades variando entre 31-50 anos, número expressivo diante de um universo de 31,6% com mais de 50 anos e 11,6% com idade variando entre 18 - 30 anos. Enquanto a idade de ingresso dessa população na pesca da lagosta varia entre 7 - 40 anos de idade, com incidência de maior concentração estatística entre os 13 aos 18 anos de idade.

Quando elencados em que idade iniciaram na pesca da lagosta, os dados se concentram em 69,07% iniciaram ainda na infância ou adolescência, ou seja entre 12 anos e 17 de acordo com a Lei 8.090, 31/07/90 (BRASIL,1990) Assim, os indivíduos que iniciaram na pesca da lagosta com menos de 18 anos de idade foi 69,07%, ou seja, 64 pessoas do quantitativo contemplado pela pesquisa algo que trata uma realidade comum da comunidade.

O estado civil destes pescadores também é um universo com bastante peculiaridades pois 14% se declaram solteiros, 16,1% vivem juntos, enquanto 68,8% são legalmente casados. A conciliação laboriosa da atividade pesqueira da pesca da lagosta com a rotina que demanda uma vida conjugal, somado as oportunidades escassas de acesso a Educação principal para esse público de 31-50 anos (55,8%) demonstrados na pesquisa, pode ter contribuído para o desenho da realidade educacional dessa população que pode ser verificada com os seguintes

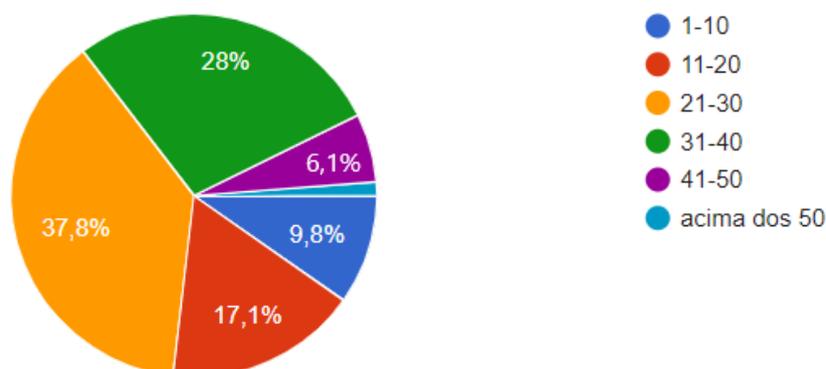
dados: 40% dessa população de pescadores cursaram o Ensino Fundamental (6º ao 9º anos), pareando com 37,9% que cursaram apenas o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, anteriormente denominados 1ª a 4ª séries. É importante destacar que 18,9% possuem o ensino médio, enquanto 3,2% dos entrevistados afirmaram nunca terem frequentado qualquer unidade escolar, ou frequentado qualquer curso de graduação.

A leitura e compreensão de textos pequenos do tipo ficha de cadastramento, boletos bancários, receitas, bulas, cupons fiscais, textos bíblicos, ou outros gêneros textuais que demandem uma pequena complexidade de interpretação, não são vistos como problemas para 80,9% dos pescadores que afirmaram saber ler, situação apresentada por 19,1% dos pescadores, que alegaram não dominar qualquer tipo de leitura.

A pesca da lagosta sempre foi uma realidade vivida para 76,8% da população de pescadores entrevistados desta comunidade. Destes, 23,2% desenvolvem ou desenvolveram algum tipo de atividade econômica além da pesca de lagosta. E o tempo médio exercido pelos pescadores na pesca da lagosta está variando em 21-30 anos, tempo percorrido por 37,8% deste universo de pescadores. Já 6,1% estão na pesca há mais de 40 anos.

Dos pescadores entrevistados, 28% já conta com mais de 3 décadas de experiência prática na pesca da lagosta (Fig. 2). Destes pescadores, 23,2% afirmaram terem desenvolvido outras atividades antes mesmo de se tornarem de fato pescadores de lagostas, 14,3% disseram que eram agricultores, 14,3% estavam na área de construção civil, atuando como pedreiros ou servente de pedreiros, os demais estavam em setores como comércio (24%), segurança (4,8%), transportes (4,8%), indústria (9,6%), serviços (14,4%), pesca industrial (atum) (4,2%), e 9,6% não declararam nenhuma ocupação.

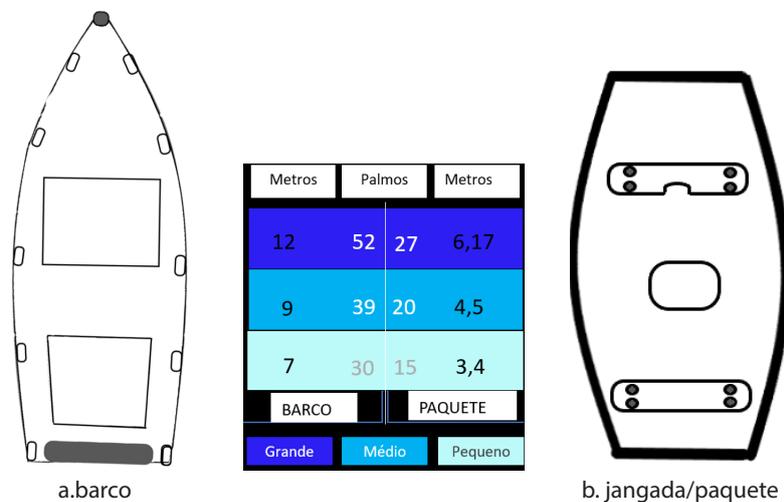
Sendo o pai (40%) o principal responsável para inserção desses pescadores no universo da pesca de lagosta, seguido dos amigos (28,4%), parentes, sejam eles tio, irmão, primo, avô (16,8%), e os pescadores mais experientes ou antigos na atividade (11,6%).



**Figura 1:** Tempo (anos) de permanência dos pescadores na pesca artesanal de lagostas

**Fonte:** Autoria Própria

Quando integrados nessa micro sociedade, que é a tripulação de cada barco (Fig. 3). a) ou mesmo o paquete (Fig. 3a), formada por aproximadamente 4-6 pessoas, no barco, e 2 a3 quando a pesca se desenvolve a partir de um paquete, sempre obedecendo uma organicidade funcional seguida de acordo com a evolução de experiência de cada pescador. A funcionalidades dos barcos (Fig. 3.a), mesmo de pesca artesanal, apresentam uma complexidade peculiar, a começar pelo tamanho, medindo entre 7 a 12m, com média constatada de 9m de tamanho para a maioria das embarcações. Já os Paquetes (Fig. 3.b), chegam a medir 6,17m, sendo os de menores tamanho de 3,4m, já a média de tamanho das jangadas encontradas na praia da comunidade de Cajueiro é de 4,5m, com características diferentes das primeiras jangadas que eram feitas a partir de duas tábuas, mas sempre com a preocupação quanto a autonomia da embarcação, espaço reduzido para uma convivência em grupo (MILLER, 1992).



**Figura 3:** Dimensões das embarcações barco/paquete utilizadas na pesca artesanal de lagosta  
**Fonte:** Autoria Própria

Os pescadores geralmente iniciam-se na pesca da lagosta como aprendizes, fazendo também a função de ajudantes ou cozinheiros, com responsabilidade crucial de organizar, liberar e recolher a mangueira enquanto o mergulhador está desenvolvendo sua função. Outros já foram inseridos como objetivo de preparação da alimentação dos tripulantes, o cozinheiro. A função de mergulhador e mestre da tripulação só se reserva para os mais experientes, o que demanda um tempo de familiarização com os “pesqueiros”, habilidade desenvolvida no manuseio com os instrumentos artesanais, desenvolvidos para a prática pesqueira, como a máscara, pés de pato, a própria mangueira de oxigênio, o “mangote”, o landuá, que precisa ser manipulado com maestria para garantir o sucesso durante a captura da lagosta.

Quanto ao mestre da embarcação, compete a este a existência de habilidades voltadas a liderança, já que o tempo médio/diário de confinamento numa embarcação, durante aproximadamente cinco dias na semana, é de 10h/dia, o que exige mediação de conflitos, tomadas de decisões frente aos locais de pesca (pesqueiros) que se irá explorar em cada pescaria, competindo o domínio básico

de navegação, manuseio com o “Global Positioning System” GPS e questões voltadas ao tempo de permanência da embarcação por local de pesca (pescueiro).

Desta forma, a distribuição de tarefas na pesca de lagosta, no cenário atual, se dá com seguinte configuração: ver Tabela 1, ajudante, cozinheiro, mangueireiro, mergulhador e mestre. Ao Ajudante, compete a função de garantir a aquisição/compra do rancho(alimento) e combustível, organização dos apetrechos no barco/pacote, organização da lagosta capturada e dá apoio aos demais tripulantes, caso necessário. Ao cozinheiro, fica incumbida a tarefa de preparação da alimentação, café e almoço, durante às 10h de trabalho, o café da manhã geralmente às 10h e almoço às 13-14h dependendo do ritmo da pescaria. Quando necessário pernoitar há uma demanda extra que é a janta também realizada pelo cozinheiro e a limpeza dos utensílios utilizados durante as refeições também é de sua responsabilidade. Ao mangueireiro, responsável pelas mangueiras<sup>1</sup>, fica determinada a função de organizar todos os apetrechos, mangueira, cabeçote e compressor, para que o mergulhador possa desenvolver com êxito o mergulho programado. Ao **mergulhador**, está a responsabilidade de forrageamento, captura do pescado/lagosta ou mesmo fazer com que as marambais sejam colocadas nos locais/pescueiros desejados. Já ao **mestre** da embarcação fica a tarefa essencial de guiar a embarcação ao local de pesca desejado e ainda garantir a harmonia da equipe para que seja possível o sucesso da atividade laboral.

**Tabela 1:** Distribuição funcional e Remuneração/proporcional dos pescadores de lagosta na comunidade Cajueiro, Touros, RN

Função	Quantidade	%	Remuneração/Captura (%)
Ajudante	06	6,5	10
Cozinheiro	02	2,2	
Mangueireiro	27	29	
Mergulhador	29	31,1	20*
Mestre	27	29	10
Todas	02	2,2	-
<b>Total</b>	<b>93</b>	<b>100</b>	<b>40</b>

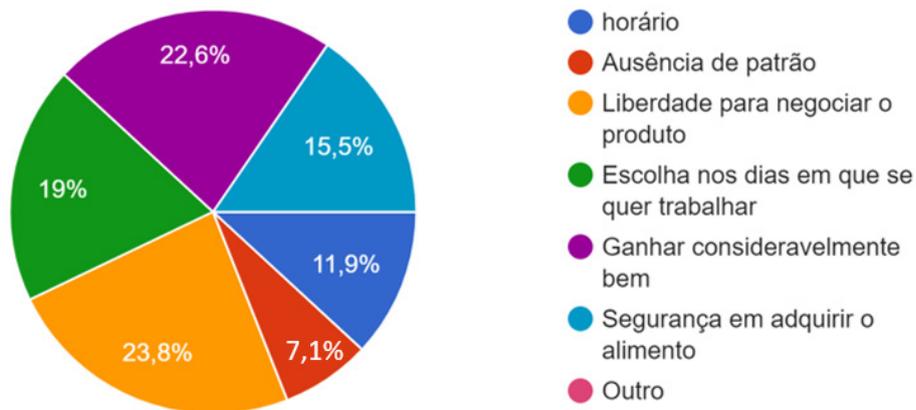
\*cada embarcação/tripulação demanda 02(dois) mergulhadores, sendo 10% para cada mergulhador.

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Mediante cada função desenvolvida (ajudante, mangueireiro, mergulhador, mestre ou mesmo cozinheiro) durante a pesca da lagosta, é que há a remuneração de acordo com a captura do pescado, ocorrendo geralmente semanalmente cada semana, com prestação de contas ao dono da embarcação que faz o pagamento de 40% aos componentes da tripulação de todo produto que é entregue ao atravessador designado pelo mestre. É sabido que o dono da embarcação detém de 60% do rendimento total do que capturado para custear as despesas de cada pescaria realizada, bem como a própria manutenção da embarcação, que deve ocorrer uma vez, no mínimo, por ano, e ainda ficar com o bônus de toda a produção.

Essa remuneração não tem um valor fixo determinado já que depende de diferentes fatores, tais como a “quantidade de pescado capturado, o valor do pes-

cado que oscila também de acordo com o dólar, além da oferta e da procura, afirma um dos colaboradores da pesquisa”. A labuta dessa atividade tem suas recompensas financeiras atrativas quando consideradas em uma boa safra. Outro fator que tem despertado o interesse dos pescadores em permanecer nessa atividade são algumas vantagens consideradas peculiares da profissão (Fig. 4), ver figura 3.



**Figura 4:** Percepção dos pescadores sobre vantagens/benefícios na pesca artesanal de lagosta  
**Fonte:** Dados da Pesquisa

Assim há uma constatação da liberdade para negociar o produto, ganhar consideravelmente bem e a escolha dos dias em que se quer trabalhar são as principais vantagens dessa atividade de acordo com a percepção desses pescadores, juntas representam 65,4% das causas que atraem esse público à atividade. O horário (11,9%) e a segurança em adquirir o alimento (15,5%) são os dois fatores que completam as cinco principais vantagens em ser pescador de lagosta. Em contrapartida as desvantagens também são pontuadas como uma crítica voltada ao fato de ser uma atividade cansativa, foi o que argumentou 60,7% dos pescadores, a renda ser pouca (25%) foi outra questão levantada para os 10,5% dos pescadores que não veem vantagens na pesca da lagosta, e estão nesta atividade por falta de opção ou mesmo por necessidade às condições. Por fim a inviabilidade para realização de financiamentos (7,1%), por parte dos bancos públicos ou privados a fim de garantir os apetrechos necessários para realização da pesca, a manutenção da embarcação ou mesmo um apoio aos pescadores no período do defeso.

Contudo, para ambos os grupos de pescadores que veem vantagens (89,5%) e desvantagens (10,5%) na pesca da lagosta eles são unânimes quando se aborda o que se faz enquanto não pesca, o passatempo, em que investe o tempo enquanto não está com sua atenção e esforços voltados a pesca. Há um cultivo dos laços afetivos com os amigos (21,3%), em longas conversas sejam na praia, frente de casa, ou mesmo no abrigo dos pescadores. O jogo de bola (18,1%) é outro atrativo comum em períodos principalmente de maré baixa e ainda em jogos no campo da comunidade, que conta com vários times de futebol masculino da própria comunidade, tais como o “Flamengo Futebol Clube” fundado em 13 de maio de 1970, com 51 anos de existência, seguido do “Vasco Futebol Clube” 25 anos de fundação (19/06/1996), e o recém criado que o VASP, fundado em 20 de maio de 2000.

Por fim, quando considerado se o tempo de permanência na pesca de

lagosta é um projeto de vida e se estes em algum momento já pensaram em deixar de ser pescador, 50,5% foram categóricos em revelar que mesmo com as vantagens elencadas por 89,5% e como estas não são comuns a todos, não ocorrem frequentemente. Além disso não pode ser igualada com o mesmo padrão de captura vividos por seus avós ou pais, isso vem gerando inseguranças quando a continuidade nessa atividade é o que apontou os pescadores. Já 49,5% dos pescadores entendem que a falta de opção, idade, grau de escolaridade fecham e diminuem as possibilidades para se pensar em outra profissão. Mesmo assim, 62,8% dos entrevistados afirmaram que em algum momento já tentaram outra profissão, mesmo que depois tiveram que retornar à pesca de lagosta.

## **CARACTERIZAÇÃO DA PESCA DE LAGOSTA NA COMUNIDADE DE CAJUEIRO, TOUROS, RN**

A pesca artesanal de lagosta é a principal atividade econômica na comunidade de Cajueiro, bem como nas demais comunidades litorâneas do município de Touros, RN (CASTRO, 2013; TAVARES 2017, 2018). Possibilitando um fazer social pautado nas adaptações, sejam na divisão de trabalho, estrutura de parentesco ou mesmo outras práticas sociais, algo comumente percebido em comunidades pequenas (MILLER, 2002).

Dialogar sobre o fazer do pescador artesanal de lagosta demanda descrever sobre a caracterização da pesca. Na comunidade de Cajueiro, especificamente, a pesca de lagosta se desenvolve a partir de um desenho estrutural que envolve:

a) o(s) pescador(es), sendo o Cozinheiro, Mangueireiro, Mergulhador, Mestre, todos responsáveis pela captura da lagosta;

b) o catraieiro, o condutor da catraia que leva o pescado da praia até o barco;

c) o ajudante, pessoa que conduz, do comércio, carro ou mesmo da casa do dono da embarcação, à praia os apetrechos, suprimentos alimentares e combustível, bem como a lagosta capturada;

d) o atravessador ou pinteiro, responsável para financiar a pescaria, dá apoio financeiro, fazer vale, empréstimo aos pescadores, mas principalmente ao dono da embarcação no período do defeso;

e) o empresário, aquele que adquire do atravessador o resultado da produção da pesca e também é a principal fonte financeira que viabiliza através do atravessador o suprimento financeiro necessário ao pescador, a pesca e a embarcação, com as necessidades de manutenção que lhes é devida).

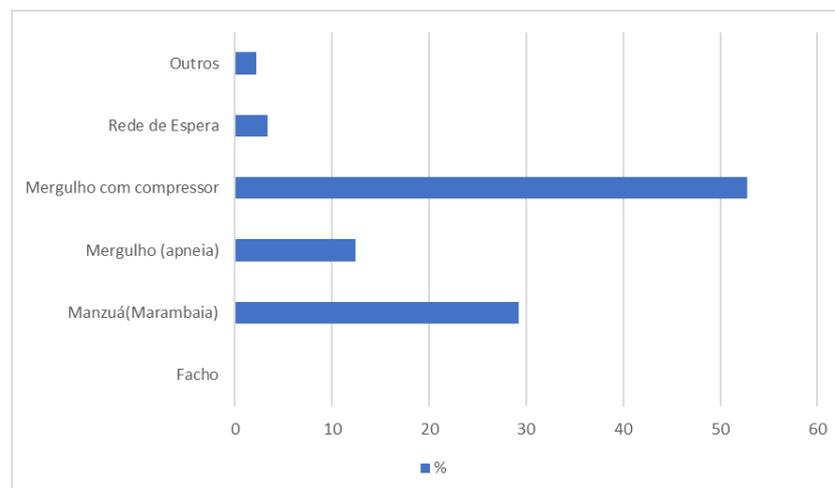
E o principal meio de transporte para essa pesca é o barco artesanal de madeira (71%) ou o pacote, jangada (29%) construídos em sua grande maioria no estaleiro da Família Baracho, localizado na própria comunidade, denominado como Marcenaria Betel ou estaleiro dos filhos de Silas. Silas Baracho, filho do então Sr João Baracho Sobrinho, precursor na arte de construção de barcos na comunidade, prática que já perdura até a 4ª geração.

Um fato interessante é que o Sr. Silas Baracho (*in memorian*), filho do Sr. João Baracho Sobrinho (*in memorian*), foi o fundador da Colônia de Pescadores, a Z 36, em 17 de novembro de 1997. Em 1996, Silas Baracho (*in memorian*), liderou um projeto de construção de barcos artesanais, no seu estaleiro, Marcenaria Betel, e no dia da entrega dos Barcos aos Pescadores, em 29 de março de 2006, teve a presença do então presidente da República Federativa do Brasil, o Sr. Fernando Henrique Cardoso (BRASIL, 1996).

A Colônia de Pescadores Z36 como aparato de organização social, presta serviços como documentação para aposentadoria rural do pescador artesanal, cursos vinculados a Marinha do Brasil, assistencialismo via governo do estado do RN, em períodos críticos como o Derramamento do Óleo em 2019 e a Pandemia de Covid 19, desde de 2020. E ainda durante todo o período de defeso da lagosta. O que contribui para viabilizar a pesca da lagosta na comunidade.

Das embarcações usadas na pesca artesanal de lagosta 71% são barcos e 29% são paquete/jangadas. Destas 48,3% são próprias do pescador que respondeu a pesquisa (95 entrevistados), 44,8 é da modalidade de sociedade, onde o dono não faz parte da tripulação ou são vários donos/herdeiros/familiares e ainda 6,9% são arrendadas, nessa modalidade o pescador fica com a embarcação por um período preestabelecido em um acordo informal.

A metodologia empregada para a pesca da lagosta ou *tipo de pesca* é desenhado de acordo com a figura 4, onde o mergulho com compressor é a apresentada com a principal modalidade de pesca com 52,8%, seguido por manzuá (28,2%) e apneia, com 12,4% (mergulho sem ajuda de cilindro ou compressor).



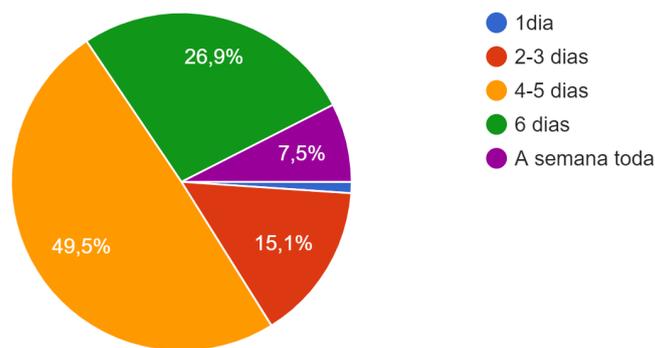
**Figura 5:** Metodologia empregada na pesca de lagosta  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Desta forma são explorados os mais diferentes locais de pesca conhecidos pela comunidade como Cascalho, Curubas, Parracho, Restinga, Cabeço Grande de Cabeludo, Cadeiras, Cabecinho, Quixaba, Pacamon, Caminho do Mar, Riscas (Pedra de Caná, Caraúnas, Cabeço Preto) e os mais temidos Paricé e Paredes. Estes dois últimos são os principais responsáveis por causar mortes ou inutilização para pesca de lagosta de muitos pescadores.

Assim os três locais de pesca mais comuns de serem frequentaria na rotina de pesca dos pescadores da comunidade, são: 1º Restinga (22,9%), 2º Casca-lho (16,9%) e Parracho (18,1%). Mas pelo 31,3% dos pescadores já frequentaram pelo menos uma vez todos os pesqueiros citados. Para isso 37,9% dos pescadores, afirmaram que eles mesmo constroem seus apetrechos, aqui se destaca o Covo, Marambaia, Manzuá (mochila) e a rede de espera.

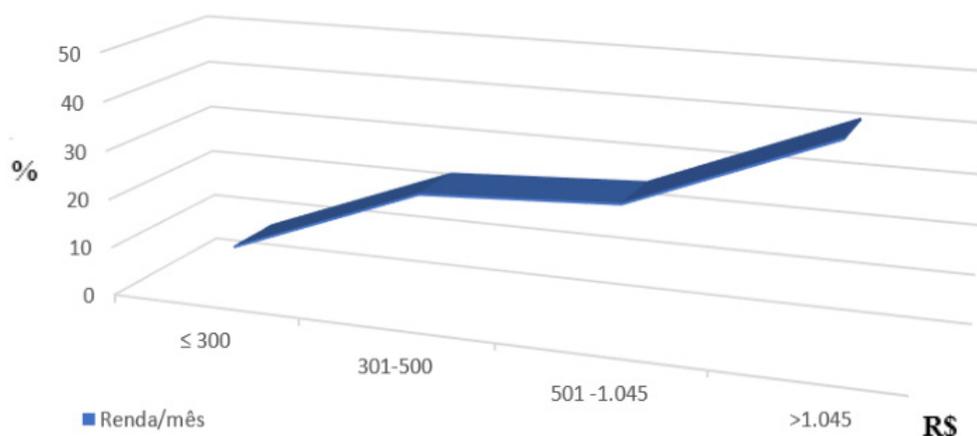
Em contrapartida, 62,1% necessitam de terceiros para garantir que seus apetrechos cheguem até eles, com destaque para o compressor e seus acessórios, como mangueiras, mangote(facho), válvulas, máscaras, nadadeiras de mergulho (o famoso pés de pato), entre outros.

De posse dos apetrechos e demais suprimentos necessários, tais como alimentação, combustível e gelo, sem falar nas boas condições que devem estar as embarcações, bem como a saúde dos tripulantes, estes alegam poderem trabalhar por vezes de domingo a domingo, foi o garantiu 7,5% dos entrevistados e apenas 1,1% trabalham apenas 1 dia/semana (Fig. 6).



**Figura 6:** Distribuição do tempo da pesca artesanal de lagosta  
**Fonte:** Dados da Pesquisa

Esse tempo médio de 4-5 dias/semana, apontado por 49,5% dos indivíduos, configurando entre 16-20 dias/mês é capaz de garantir para 41,9% destes uma renda mensal acima de um salário mínimo (R\$1.045,00). Para os demais 58,1%, a renda/mês varia é de  $\leq$ R\$1.045,00 (Fig. 7).



**Figura 7:** Resultado da renda/mês da pesca de lagosta  
**Fonte:** Dados da Pesquisa

Desta forma apenas 8,6% arrecadam algo equivalente a  $\leq$  R\$300,00, 23,7% conseguem se apropriar mensalmente algo em torno de R\$ 301,00 e R\$ 500,00, e os demais 25,8% ficam na órbita de R\$ 501,00 e R\$ 1,045,00. Mas mesmo com esses valores que consideram suficiente para suprir suas necessidades básicas, 80,4% dos pescadores perceberam que o uso constante de Marambaia, compressor e rede de espera (caçoira) estão causando risco ao meio ambiente.

Quando confrontados sobre os riscos que alguns de seus apetrechos de pesca ocasionam ao meio ambiente, eles apontaram que os(as) principais afetados(as) são as próprias lagostas, os corais, o mar, através da poluição ocasionada com a queima do combustível, as marambaias, as redes de espera. E ainda acrescentaram como exemplos de impactados com a prática da pesca da lagosta com esses apetrechos ilegais, o mais grave que é a extinção da lagosta.

A maior preocupação dos pescadores com a pesca da lagosta está relacionada com a metodologia que eles mais usam para capturar esse pescado. O mergulho com compressor, estratégia utilizada por 52,8% dos pescadores, favorece a fácil instalação e localização das marambaias. Essa localização ocorre através de GPS que já é utilizado por 97,8% dos pescadores, isso há mais de 4 anos. Mas para 62,7% essa tecnologia de Sistema de Posicionamento Global faz parte de sua rotina há mais de 7 anos.

É um dos motivos que torna o uso da marambaia viável, caso contrário, se elas fossem instadas nos locais de pesca conhecidos, ficaria mais fácil de outro pescador encontrá-las e despescar. A marambaia ainda é vista com umas facilidades(vantagens) peculiares, tais como: ser mais prático para juntar lagosta como para despescar e otimiza o esforço empregado por pesca/captura, já se usa o GPS para localizar a marambaia, economizando inclusive o combustível da embarcação.

Com a inserção do compressor e da marambaia o pescador tem mudado seu comportamento social, é a leitura social feita 64,3% entre eles mesmo. Entre os motivos citados estão mais dinheiro por viagem, já a produção por viagem vem diminuindo cada vez mais, podem sair mais tarde de casa para o mar, pois já vão direto ao local de pesca. E ainda é vista com mais facilidade dentro do seu ambiente de trabalho.

Entre os pontos negativos apontados na mudança de comportamento, estão: brigam por besteira, já que ocorre de um outro pescador encontrar as marambaias e até chegam a capturar a lagosta que encontraram, na ocasião, fazendo com que os problemas de saúde sejam agravados, pois tem que movimentar as marambaias que estão submersas. E por fim podemos destacar que os próprios pescadores (97,8%) são conscientes de que a marambaia, o compressor e a rede de espera são proibidos pela legislação brasileira vigente.

Desta forma o cenário da pesca da lagosta na comunidade é feito de forma artesanal, em função do porte e maneira como são fabricadas as embarcações, o modo como é capturada a lagosta e a forma de manipulação da mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca artesanal de lagosta na comunidade Cajueiro, Touros, RN é retrato de uma economia de subsistência fruto de atividade extrativista (MORAN, 1974) e é a principal atividade econômica de subsistência desenvolvida na comunidade sendo a única atividade exercida por 76,8% dos pescadores. Formada massivamente de 80% de nativos do município, desde 55,8% com idade média variando de 31-50 anos de idade e mais de 68,8% são legalmente casados.

Mesmo culturalmente pré-programados com a aquisição da cultura a que estão inseridos (INGOLD, 2019) e diante das responsabilidades com a pesca, os serviços domésticos e alguma atividade de lazer, em algum momento de sua história tiveram contato com a escola, tempo suficiente para aprender a ler. Assim, a leitura é uma realidade presente para 80% dos pescadores que conseguem realizá-la com pequenos textos. Mas é suficiente para usar as mídias sociais como WhatsApp e outros até facebook e Instagram. Essa evolução da leitura também foi percebida em outros estudos (CASTRO 2013; SOARES et al 2018).

Desta forma, sendo possível compreender que cada grupo é capaz de construir sua memória da coletividade ou memória coletiva, isso com um entrelaçamento de outras histórias subjacentes (LITTLE, 2004). ter acesso a multiplicidade de informações sobre diferentes temas de seu interesse, como a previsão do tempo, se vai chover, velocidade do vento e comportamento das marés não são aspectos isolados. A política também é outro tema bastante apreciado por vários pescadores, fazendo com que se percebam, de forma mais rápida, os impactos de algumas decisões do governo frente às situações adversas em que enfrentam, como o Derramamento do Óleo/2019 e a Pandemia do Covid 19/2020-2021.

Mesmo com o sentimento de respeito e importância atribuído a pesca da lagosta tem se percebido que esta tem modificado em suas diferentes dimensões, como: diminuição do volume do pescado capturado, aumento da frota pesqueira, diversificação do apetrechos de pesca, o que no anos 80 e 90 se concentrava no covó e rede de espera, desde de então tem dado especial atenção ao mergulho com compressor, e mais tarde com o desenvolvimento da técnica da marambaia, mesmo sendo ilegal, é algo comum para a maioria dos pescadores,

Portanto, se percebe a necessidade de investimento em mobilização de conscientização sobre os riscos que essas novas práticas têm causado a toda cadeia produtiva da lagosta. Algo que pode ser encabeçado por parte dos agentes de regulamentação da pesca da lagosta.

E como parte da história sócio-histórica da comunidade, há mais de 37 anos, mesmo não sendo pescador, mas como produto dessa atividade, sendo parte da 4ª geração de pescadores, pois meu bisavô paterno, *Papai João*, avô paterno, *Vô Davi*, e meu ilustre Pai, *o sr. Pedro de Davi*, e por fim meu irmão, Adriano, hoje com 38 anos de idade, iniciou na pesca aos 13 anos, me faz concluir que há uma resistência de inserção de novos pescadores jovens na profissão.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de; RUBENS, Elias da Silva, e MILLER, Francisca de Souza. Simone Maldonado e seu legado à antropologia da pesca. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas* 40(2): 191–203. 2020.. Disponível em: <http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/580> (23 de novembro de 2021).

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Presidente (1995-2002): Fernando Henrique Cardoso. 1996. 29 de mar. 1996. 7f. Disponível em: <http://www.biblioteca.Presidência.gov.br/presidência/ex-presidentes/Fernando-hentique-cardoso/discursos/1o-mandato/1996-1/48%20view>. Acesso em 23 de nov. 2021.

BRASIL, Instrução Normativa Nº 03 de 12 de maio de 2004. Dispõe sobre operacionalização do Registro Geral da Pesca. *Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 de maio de 2004*

CASTRO, Frank Duarte de. “Implicações socioeconômicas e ambientais da pesca artesanal de lagosta em Touros, RN”. 2013. 89f. Dissertação de Mestrado. UFRN. 2013.

COSTA, Francinete Pereira da. Conflitos na pesca da lagosta e suas implicações sobre a saúde, o trabalho e o ambiente. 2019. 102f. Dissertação de Mestrado. UFCE, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. 2019.

OLIVEIRA DE ANDRADE, Maristela., DA SILVA, Rubens Elias., & MILLER, Francisca de Souza. Simone Maldonado e seu legado à antropologia da pesca. *Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas*, 40(2), 191-203. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37370/raizes.2020.v40.580>

LABERGE, Jacques. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, Antonio Carlos. (org.). *A imagem das Águas*. São Paulo: USP, 2000.

LITTLE, P. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico /2002-2003*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 251-290, 2004.

MILLER, Francisca de Souza. A organização social de uma comunidade de pescadores-agricultores do Litoral Sul do Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado. UFPE. 1992

———. Barra de Tabatinga: Terra do povo, Mar de todos. a organização social de uma comunidade de pescadores do Litoral do Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN Editora da UFRN. 2002

———. End of the jungle how do the collectors and fishermen from patane rn 2FBrazil perceive the scarcity of some plants. 2019. 3(1): 5. Disponível em: [https://www.academia.edu/40404407/End\\_of\\_the\\_jungle\\_how\\_do\\_the\\_collectors\\_and\\_fishermen\\_from\\_patane\\_rn\\_2FBrazil\\_perceive\\_the\\_scarcity\\_of\\_some\\_plants\\_20190920\\_5844\\_8zfwly?auto=citations&from=cover\\_page](https://www.academia.edu/40404407/End_of_the_jungle_how_do_the_collectors_and_fishermen_from_patane_rn_2FBrazil_perceive_the_scarcity_of_some_plants_20190920_5844_8zfwly?auto=citations&from=cover_page) (23 de novembro de 2021).

MILLER, Francisca de Souza, WOORTMANN, Ellen. Fensterseifer., CAMARERO, Letícia. D’Ambrosio. SOBRAL, João. Manuel., & NETO, José. Colaço. Diasmille. Dossiê: Pesca artesanal: Práticas sociais, território e conflitos. *Vivência: Revista de Antropologia*.v.1(53). Natal: UFRN/DAN/PPGAS. 2019.

MORAN, Emilio F. 1974. “The adaptive system of the Amazonian caboclo.” In *Man in the Amazon*. C. Wagley, ed., 136-59. Gainesville: University of Presses of Florida.

MURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. **Horizontes antropológicos**, v. 17, p. 95-125, 2011.

SILVA, Luênia Kaline Tavares da, e MILLER, Francisca de Souza. Pesca artesanal no litoral sul potiguar: perfil socioeconômico, dificuldades e perspectivas. *Vivência: Revista de Antropologia* 1(53).2019. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/20595> (23 de novembro de 2021).

SOARES, Danyela Carla Elias. "Caracterização da Pesca Artesanal no Município de Porto do Mangue – RN, Brasil (Colônia de Pescadores Z-17)". *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca* 11(2): 35–43. 2018. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/REPESCA/article/view/1627> (23 de novembro de 2021).

TAVARES, Aevilson da Silva. Feirinha Pública na Comunidade de Cajueiro, Touros, RN: Retrato das novas formas de enquadramento social. In VII Semana de Geografia & II Seminário de Geografia do Semiárido, Cajazeiras, PB, 75–86. 2017. Disponível em: <https://sgssemageo.wixsite.com/ufcg>.

———. Amostragem quantitativa sobre a frota automotiva terrestre da comunidade de Cajueiro-Touros/RN em dezembro de 2017. In V CONEDU, Campina Grande, PB: Realize Editora, 1–11. 2018. Disponível em <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/46276>> (22 de novembro de 2021).

SAUTCHUK, C. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individualização. **Horizontes antropológicos**, v. 21, p. 109-139, 2015.

VASCONCELOS, Edna Maria de; LINS, Jorge Eduardo; Matos, João Augusto de; JUNIOR, Wanderley., & TAVARES, Michela. Melo. Perfil socioeconômico dos produtores da pesca artesanal marítima do estado do Rio Grande do Norte. *Bol Tec Cient CEPENE*, 11, 277-292.2003

ZAR, Jerrold.H. *Biostatistical Analysis*. 5th Edition, Prentice-Hall/Pearson, Upper Saddle River, xiii, 944 p.2010